

HISTÓRIA DE VIDA DE EGRESSAS DO ASILO FELISBINA LEIVAS: PRIMEIRAS IMPRESSÕES

PRISCILA DE SOUZA DE AGUIAR¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – pryscylasouagui@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado intitulada: História de vida: *Narrativas (auto) biográficas de egressas do asilo de órfãos Felisbina Leivas*. O trabalho encontra-se em fase inicial, e aqui apresento os primeiros achados da pesquisa.

Tal projeto pretende lançar um olhar “sensível” à vida de mulheres que passaram sua infância/juventude em uma instituição asilar (católica) de minha cidade natal, Jaguarão/RS.

Certa de que “é preciso manter um pé nas coisas do mundo que nos afeta [...] e o outro para dar conta destas em direção ao mundo dos saberes científicos” (PERES, 2011, p. 29) uni minhas intimações primeiras (realizar uma pesquisa em minha cidade natal) e as subsequentes (interesse pelos estudos da infância) para elaborar um projeto que pesquisasse história de vida. História da vida de meninas/mulheres que moraram em uma instituição asilar.

Ao adentrar no campo de pesquisa e iniciar os estudos sobre o imaginário me percebi inscrita na instituição pesquisada¹. Minha história, minhas memórias de infância estavam lá, assim como as que pretendo pesquisar. Minha proximidade, antes inconsciente, se faz presente em toda palavra aqui escrita.

Grandes panelas na cozinha, imensos fogões, mesa central alta, almoço servido antes de ir para a escola, minha avó no canto do refeitório a me observar, lembranças pertencentes à mim. Considero, hoje, estas recordações como referências para o desenrolar de meu trabalho. Recordações-referências que para JOSSO (2010) possuem duas dimensões, uma visível – apelativa às nossas percepções – e outra invisível – que apela às nossas emoções. Percepções minhas que refletem no que faço e sou hoje, são meus pés nas coisas do mundo que me afeta, são as forças que me movem e que estou tomando consciência.

Proponho-me a narrar e registrar outras percepções, representações, imagens, histórias, lembranças, de outros tempos, de outras pessoas, do mesmo lugar. Lugar que tem espaço em minha memória mesmo com o pouco tempo que lá passei e que impulsionam fortemente meus atos hoje, 16 anos depois. Minha identificação com minhas experiências fazem-me fixa nelas (JOSSO, 2010).

A descrição compreensiva (JOSSO, p. 47, 2010) da trajetória vivida dentro no asilo terá como ponto de partida as imagens registradas pelas egressas, tais imagens serão o pano de fundo para a constituição do material narrativo que será “constituído por recordações consideradas pelos narradores como ‘experiências’ significativas” (JOSSO, et al, p. 47).

Casa grande, cheia de símbolos, representações religiosas (católicas), casa que hoje vejo como um espaço do vivido, espaço da memória e do imaginário. Diante dessas imagens que permeiam minhas solidões e devaneios, e assumindo um caráter que Bachelard enuncia como topoanalista (1978), me ponho algumas perguntas: O asilo trás lembranças tão significativas para quem lá morou como

¹ Depois de fechar o asilo o prédio acolheu uma creche (Casinha de Maria), a qual frequentei junto com meu irmão durante três anos.

trás para mim? Como é visto cada espaço cheio de vida passada (ou presente)? Como o ser que lá viveu sente os silêncios e gritos que emanam das lembranças do lugar, do espaço vivido?

Cama, cozinha, sonho, escrita, meus vividos, que hoje revivo simbolicamente, rememoro ativamente e veementemente. Cada passo meu dentro do asilo é um vivido rememorado, cada imagem registrada, registra uma memória, uma lembrança viva. Bachelard diz que o inconsciente permanece nos locais e que as lembranças são imóveis (1978). Tão sólidas quanto a parede que hoje reveste a porta da cozinha do asilo, tão sólido quanto o palpitar de meu coração ao escrever estas linhas.

Isto é o que pretendo evidenciar através do imaginário: como as imagens fundadoras influenciam o vivente (vivido presente) de mulheres egressas do asilo Felisbina Leivas? Estas palpitações, estes lugares, estas memórias, lembranças, marcas sutis (ou não) que hoje estão presentes no vivente, no vivenciado cotidianamente, no deixado para trás, no esquecido. Pensar uma possibilidade que possibilite dar sentido ao vivido de forma sensível. Levá-las (as egressas) até 'aquele' lugar marcado e que marcou, para que assim possa reverberar representações que habitam seus imaginários.

Para tanto desenvolvo estudos que se pautam no entendimento do imaginário como reservatório motor (MACHADO DA SILVA, 2006); da história de vida como fonte de compreensão do processo de formação, em narrativas autobiográficas (JOSSO, 2011); do matriciamento – matrizes potenciais – (PERES, 2009); lembranças-sonhos, memórias, devaneios, poética, imagens primitivas, fenomenologia da imagem, imaginário (BACHELARD, 1978, 2009). Apoiada nestes estudos e na análise parcial dos primeiros dados, opto por apresentar algumas imagens-lembrança de uma das mulheres envolvidas na pesquisa, certa de que rememorar imagens significativas é essencial para tentarmos “compreender os sinais mais profundos que entram ‘pela porta dos fundos’ do nosso psiquismo” (ASSUNÇÃO, 2004, 5).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Pauto no exercício de rememorar meu ponto de partida. Sendo assim utilizo as narrativas como ferramentas de pesquisa (auto) biográficas, tendo sua gênese nas histórias de vida. Para tanto parto da compreensão de que

O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. [...] Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso. Então a Memória e a Imaginação rivalizam para nos devolver as imagens que se ligam à nossa vida. (BACHELARD, 2009, p. 99).

Acredito ser tarefa da memória (através de lembranças) revelar fatos de histórias de vida, ciente de que a “história de nossa infância não é psicologicamente datada. As datas são repostas a posteriori; vêm dos outros, de outro lugar, de um tempo diverso daquele que se viveu. Pertencem exatamente ao tempo em que se conta” (BACHELARD, 2009, p. 100). Busco as matizes psicológicos mais sutis (BACHELARD, 1978, 209). Sutis no ser, na memória, nas lembranças, nas falas, nas lágrimas, ora minhas ora das egressas que lá são meninas, jovens.

Participarão da pesquisa 6 mulheres. Três que residiram no primeiro prédio da instituição (mulheres entre 50 e 60 anos) e três que residiram no segundo prédio (mulheres entre 30 e 40 anos).

Nesta primeira etapa da pesquisa o trabalho operacionalizou-se através de uma visita no asilo, minha com a egressa, onde foram registradas imagens a

partir de uma questão chave: “Registrar imagens que te marcaram positivas ou negativamente”. Tal visita pode ser considerada uma volta ao tempo, um regresso às origens, que foi devidamente registrada oralmente e imageticamente. Apresento a seguir algumas percepções preliminares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mesmo em fase inicial se pode dizer que o “Asilo de Órfãs Felisbina Leivas” criado em 25 de dezembro de 1938, serviu a comunidade Jaguareense por mais de 50 anos, acolhendo “as órfãs e meninas desvalidas deste município” (Estatuto da Associação Protetora dos Desvalidos, 1939, p. 6), com intuito de protegê-las e ampará-las.

Em fevereiro de 1939 chegaram na instituição quatro Irmãs Franciscanas que ficaram encarregadas pela educação das jovens, isto graças ao convênio entre a Associação Protetora dos Desvalidos e a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis. Assim o asilo, e as meninas abrigadas, passaram a ser orientados pela ótica Cristã das Irmãs Franciscanas.

A função desempenhada pelo Asilo tem se mostrado fundamental na vida de muitas famílias carentes e de suas meninas, ditas ‘desvalidas’, pois durante muitos anos a instituição parece ter assumido o papel da família, escola, igreja e da sociedade, que tem responsabilidade em ajudar no bem estar daqueles que necessitam. Tal percepção acerca da instituição terá seu papel problematizado a partir do olhar as entrevistadas.

Isto se torna evidente na fala de Ana Paula, ela diz que “Tá no asilo foi a melhor coisa que me aconteceu!”. Ana Paula tem 30 anos, mãe de dois filhos, ingressou na instituição com quatro anos (quando perdeu sua mãe) e lá permaneceu durante 10 anos.

Vinda de família muito pobre, Ana Paula viu no asilo uma possibilidade de seguir sua vida, viu no asilo a melhor opção para si e expressa esse reconhecimento durante toda sua narrativa.

Suas principais recordações são referentes ao trabalho na horta e com os animais; as brincadeiras e músicas da praça; a relação com as freiras, com as outras asiladas e com as idosas do asilo; as refeições; as festas; aos castigos.



Imagem 1 – Raiz da árvore que Ana Paula relata brincar de bicicleta com suas colegas da instituição.

Carla foi a segunda egressa a participar da pesquisa. Mulher de 27 anos, mãe de 3 meninos. Para ela o asilo assume outro papel. Rejeitada pelo pai e abandonada pela mãe, viveu na instituição seu pior momento, suas lembranças não diferem das citadas anteriormente, porém a ênfase é estritamente negativa.

As principais recordações são referentes aos trabalhos exacerbados, aos castigos noturnos, às crueldades cometidas pelas freiras, às comidas ruins, às más relações. Seus dois anos na instituição lhe marcaram dolorosamente.



Imagem 2 – Canto em baixo da escada, onde Carla passava madrugadas de castigo.

4. CONCLUSÕES

A partir das primeiras visitas à instituição posso perceber o quanto a institucionalização marcou a vida dessas mulheres. Positiva ou negativamente, isto deu-se a medida da importância e das significações que estar no asilo era para cada uma, em cada momento de sua história.

Para algumas, como é o caso de Ana Paula, a passagem pelo asilo foi demasiado importante, ela considera que é o que é hoje graças a sua estadia e seus aprendizados no asilo. Já para Carla o asilo representa um lugar de angustia e repulsão, suas experiências lhe dão uma visão angustiante do referido lugar.

São as primeiras impressões, ainda embrionárias, porém significativas e essenciais para a sequência do trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Alexandre Vergílio. *Por uma razão sensível: o método e a imaginação criadora no desing industrial*. Mestrado em Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de pelotas. 2004.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Coleção: Os pensadores. Tradução: Joaquim José Moura Ramos, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 205p.

JAGUARÃO. *Estatuto da Associação Protetora dos Desvalidos*. Jaguarão: Liv. Tip. De Souza Resem: 1939.

JOSSO, Marie-Chistine. *A experiência de vida e formação*. Tradução: José Cláudio; Júlia Ferreira. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010, 341p.

MACHADO DA SILVA, Juremir. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 2ª Ed, Sulina, 2006.

PERES, Lúcia Maria Vaz. *Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica*. Porto Alegre: FAE/UFRGS, 1999. (Tese de doutorado em educação).

PERES, Lúcia Maria Vaz. No vai e vem da vida: a escrita de si como um processo de (auto) formação. In: ***Escritas de Autobiografias educativas***. Lúcia Maria Vaz Peres. Andrisa Kemel Zanella (org.), p. 65-78. 2011.